

# Um escritor contra a indústria da carne

O americano Jonathan Safran Foer mescla memórias e reportagem em livro sobre vegetarianismo e maus-tratos a animais

Guilherme Freitas

**N**a introdução de "Comer animais" (Rocco, tradução de Adriana Lisboa), o escritor americano Jonathan Safran Foer recorda a relação bissexta que manteve com o vegetarianismo ao longo da vida: a criança apaixonada por galinha com cenoura, único prato que sua avó sabia preparar, se tornou um adolescente que recusava carne em público (em parte para fazer sucesso com as coleguinhas ativistas, mas também por um senso difuso de que "era errado machucar os animais"), e logo um adulto que descobriu na futura esposa inquietações semelhantes com a ética da comida. Quando o primeiro filho do casal nasceu, Foer, preocupado com a alimentação da criança, decidiu investigar mais a fundo as razões de sua propensão ao vegetarianismo. O resultado está em seu novo livro, uma mescla de reportagem sobre a indústria da carne nos Estados Unidos e reflexão pessoal sobre a forma como os consumidores lidam com a crueldade cometida contra animais criados para abate.

— Muita gente tem uma ideia vaga sobre a indústria da carne, mas poucos conhecem seus detalhes, e a distância entre as duas coisas é enorme. Dizer que sabe que os animais sofrem é uma coisa, saber que 99% da carne comida nos Estados Unidos vêm de fazendas industriais é outra. Dizer que isso é ruim para o meio ambiente é uma coisa, descobrir que essa é a indústria que produz mais gases-estufa no mun-

do é outra — alerta o escritor de 33 anos, que faz sua estreia na não ficção depois de publicar os festejados romances "Tudo se ilumina" e "Extremamente alto, incrivelmente perto" (ambos pela Rocco).

Em "Comer animais", Foer percorre diversos tópicos que influenciam os debates sobre o vegetarianismo hoje, como questões sanitárias, éticas, econômicas e ambientais. No entanto, o escritor diz não ver seu livro como uma apologia

do vegetarianismo, e sim como uma intervenção no debate público sobre a forma como a sociedade trata os animais de que se alimenta:

— Nos últimos anos, têm havido muitas notícias sobre a indústria da carne, o "The New York Times" não passa três dias sem publicar uma. É cada vez mais difícil ignorar o assunto. Mas mesmo quando a informação chega às pessoas, nem sempre chega da maneira correta. O vegetaria-

nismo ainda é frequentemente embalado em estereótipos, como uma postura típica de hippies, ativistas ou universitários. De fato, a discussão sobre o assunto costumava ter um tom filosófico ou político, mas hoje existe um senso comum de que a indústria é cruel e destrutiva, mesmo entre os não vegetarianos — observa.

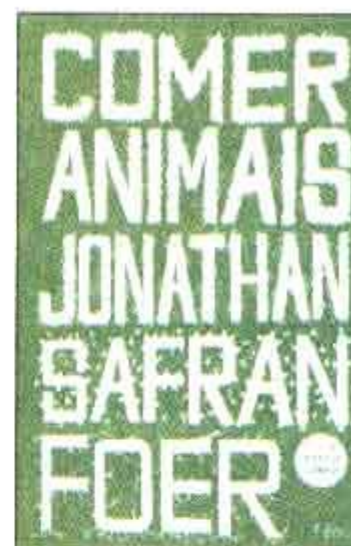
Embora as denúncias sobre maus-tratos não sejam exatamente novas, o livro de

Foer tem nas descrições das técnicas usadas pela indústria para "cultivar animais" o seu ponto forte, com longas passagens sobre deformações provocadas por engenharia genética e as más condições de abatedouros, granjas e aquários, por exemplo.

Foer diz ter ficado especialmente chocado, durante suas pesquisas, com "a amplitude e a profundidade da indústria de carne", que deixa poucas opções ao consumidor que decide não compactuar com ela. Embora acredite que a crueldade contra os animais está "embutida num modelo econômico que incentivamos sempre que vamos ao mercado ou ao restaurante", o autor não defende o vegetarianismo como única resposta.

— Normalmente pensamos no debate sobre carne como uma controvérsia. Bem, a controvérsia pode até estar nas conclusões, mas não no ponto de partida, em torno do qual creio que todos concordam: o sistema que existe hoje é ruim, está corrompido. A questão é o que fazer a partir daí. Alguns vão parar de comer carne, outros vão reduzir o consumo, outros vão procurar fontes menos cruéis. O que não podemos fazer é deixar que as coisas fiquem como estão — sugere.

Em sua pesquisa para o livro, Foer contou com a colaboração de grupos de defesa dos direitos dos animais. Acompanhou protestos, in-



vadiu (e foi expulso de) fazendas de criação intensiva, e tirou dessa experiência uma conclusão ambígua sobre o ativismo vegetariano:

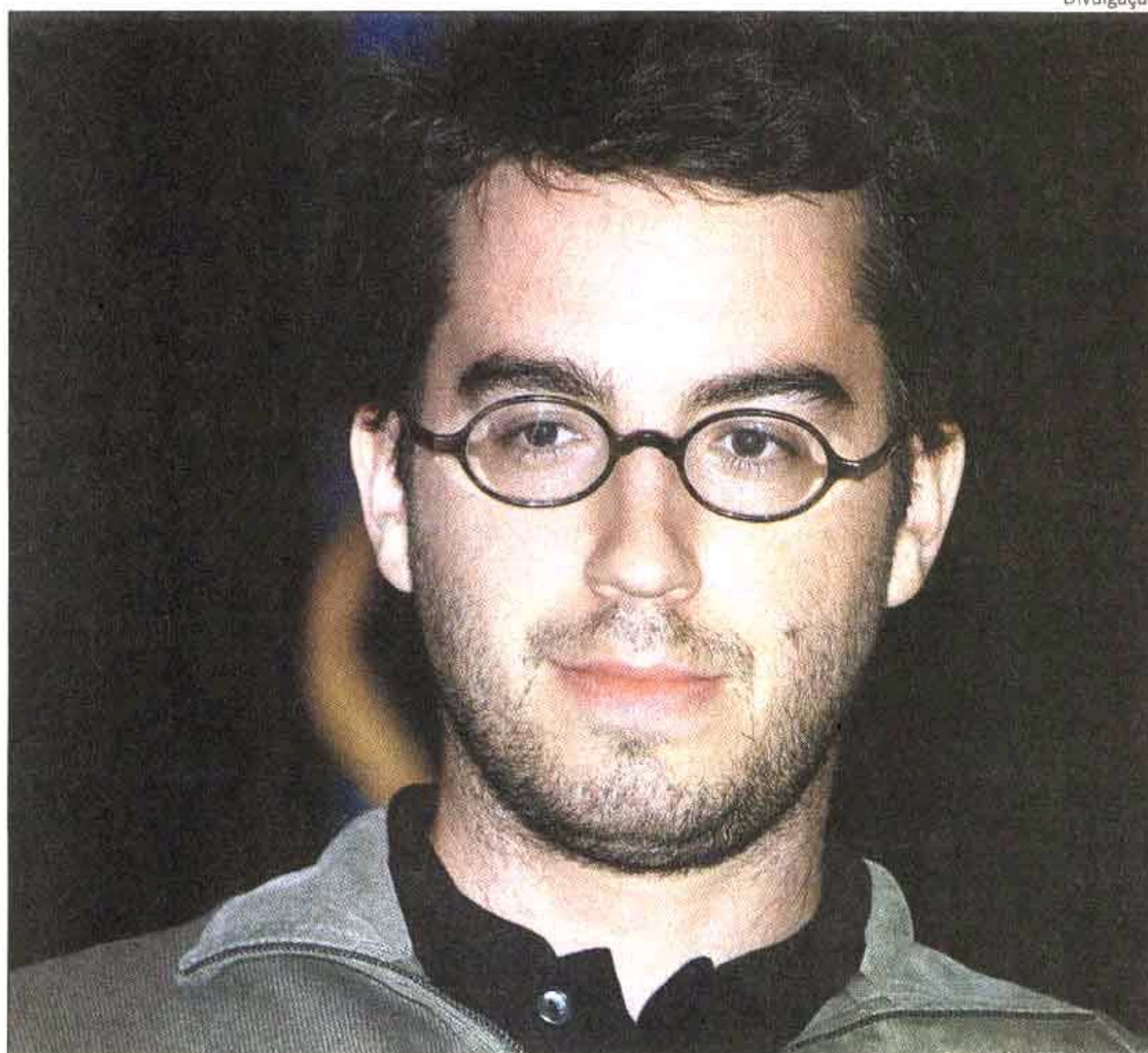
— Eles são extremamente bem-sucedidos em um sentido, mas nem tanto em outro. Se pensa-

mos, por exemplo, no Peta (*Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais*, na sigla em português), provavelmente o grupo de defesa dos animais mais importante da História, vemos que a mensagem dele atinge, digamos, duas de cada dez pessoas. Nesse ponto, a meta é simplesmente colocar o tema no radar, fazer com que seja discutido. Mas, para de fato mudar o sistema, é preciso atingir essas pessoas que estão faltando.

## Debates com o 'Sr. Carne'

Além dos apuros que enfrentou acompanhando os ativistas, Foer também recorda com humor outro encontro proporcionado pelo livro: uma série de debates na TV e no rádio com o chef, apresentador, escritor e carnívoro orgulhoso Anthony Bourdain. Apesar de defender o ato de compartilhar um churrasco como um dos eixos da sociabilidade humana, Bourdain surpreendeu o escritor vegetariano ao se mostrar igualmente preocupado com os maus-tratos cometidos contra os animais e endossar a maioria de suas críticas à indústria:

— Ele é o Sr. Carne, mas concordamos em quase tudo. ■



JONATHAN SAFRAN FOER analisa questões sanitárias, éticas, econômicas e ambientais por trás do tema

Divulgação